

DEZ ANOS DA ARTE DA CANTARIA

ALFAGALI, Crislayne G. M. ⁽¹⁾; CARVALHO, Clarissa ⁽²⁾; GOMES, Fabiano da Silva ⁽³⁾;
PERES, Antônio Eduardo Clark ⁽⁴⁾; PEREIRA, Carlos Alberto ⁽⁵⁾

- 1- Universidade Estadual de Campinas, Brasil – cgmalfagali@gmail.com
- 2- Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil – clarissapaula@gmail.com
- 3- Instituto Federal de Minas Gerais, Brasil – fabianogs@yahoo.com.br
- 4- Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil – aecperes@demet.ufmg.br
- 5- Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil – pereira@demin.ufop.br

RESUMO

A oficina de cantaria com sede na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) procura reunir o conjunto de saberes e técnicas que compunha a arte da cantaria em terras mineiras no período colonial, conhecimentos perdidos no avançar do século XX e retomados pelo mestre José Raimundo Pereira, o *Seu Juca*, um dos últimos oficiais canteiros do Estado de Minas Gerais. O projeto completou 10 anos em 2010, marcando a data com um seminário estadual onde se restaurou o Chafariz das Cabeças em Ouro Preto, houve também apresentação de artigos pelos antigos e atuais bolsistas, além de homenagens aos parceiros, ao mestre Juca e ao canteiro Francisco Bárbara de Oliveira. Ao longo desses anos, a oficina traçou como estratégia a pesquisa histórica e de materiais, a formação de novos trabalhadores habilitados e a preservação do patrimônio direcionada para os trabalhos com as metodologias do que se convencionou chamar de educação patrimonial, metas que trouxeram para o seu interior, pesquisadores das mais diversas áreas, como engenheiros, historiadores, biólogos, educadores, especialistas e artistas. Neste período, foram restauradas pontes (Marília, Pilar, Estrada Real), Chafarizes (Don Rodrigo, Rosário, Marília, Pilar), Cruzes (Lavras Novas, Cemitério São Francisco de Paula, Praça Amadeu Barbosa) e a Estação de Ferro de Itabirito. Foram produzidas, na oficina e nas aulas para formação de canteiros, noventa e seis peças de quartzito (chafarizes, carrancas e pinhas) e dezesseis peças de canga (chafariz, pinhas e carrancas). Soma-se a esses resultados, a formação de onze canteiros, atualmente três deles atuam na restauração de monumentos, destacando-se Francisco Bárbara de Oliveira. Além disso, o número de publicações foi significativo; um livro, oito capítulos de livro, trinta e oito artigos publicados em congressos nacionais e internacionais. A divulgação da arte foi feita também através das exposições permanente no Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas, e itinerantes no Palácio das Artes em Uberaba e em Coronel Xavier Chaves.

Palavras chaves: Preservação patrimonial, cantaria, Ouro Preto, formação pessoal.

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

“... estou vivendo, enquanto eu estou mexendo com isso, eu estou vivendo”.

Mestre Juca

Os edifícios de pedra e cal que formam o conjunto arquitetônico de Ouro Preto são reconhecidos tanto pela imponência quanto pela importância histórica que abrigam. Igrejas, casarões, palácios, chafarizes, fontes e pontes integram o acervo do barroco mineiro, expressam, assim, registros da História de Minas Gerais. Obras arquitetônicas que foram tombadas em julho de 1933 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e em setembro de 1980 pela UNESCO (Órgão das Nações Unidas para Educação).

O reconhecimento de tais edificações é inquestionável enquanto Patrimônio Histórico e Artístico, entretanto para além da pedra e cal como enfatiza Maria Fonseca (FONSECA, 2003) há outros espaços que conquistam valor cultural. A autora busca ampliar o conceito de Patrimônio Histórico visando à diversidade de objetos, de agentes históricos e de possibilidades de apropriação do patrimônio. Em outras palavras, Fonseca evidencia a importância da historicidade desses bens, que muitas vezes não encontram uma materialidade considerada relevante, e que com o tempo passam a adquirir uma significação cultural respondendo às demandas históricas e da comunidade que os guarda. Dessa forma, para além de sua materialidade, as construções da histórica Vila Rica são testemunhas de técnicas e materiais presentes no cotidiano dos artistas e artesãos do século XVIII. Conjunto de saberes, que apesar de nem sempre serem tão evidentes, são integrantes de tal patrimônio.

Uma das citadas técnicas coloniais que mais encontra notoriedade nos edifícios ouro-pretanos é a cantaria, que, basicamente, “consiste em lavrar a rocha em formas geométricas ou figurativas para aplicação em construções, com finalidade ornamental e/ou estrutural” (PEREIRA, LICCARDO e SILVA, 2007). No Brasil, a cantaria foi utilizada desde o século XVI com a vinda de Tomé de Souza (em 1549). A preocupação em estabelecer definitivamente a presença portuguesa na Colônia e o constante conflito de interesses com os colonos permeia as obras arquitetônicas desse momento que utiliza os conhecimentos de mestres e oficiais da metrópole. Já nas Minas Gerais, com as descobertas de metais preciosos e, conseqüente, aglomerado populacional, a cantaria atinge seu auge, constatação manifesta na quantidade e qualidade das obras ouro-pretanas.

A cantaria presente nas vilas do ouro se insere em uma tradição européia, que através dos portugueses chegou às Minas Gerais possibilitando a edificação de obras diversas, sinal da diversidade de seu espaço urbano e social, das mais requintadas – as famosas Igrejas barrocas

- às mais simplórias – muros de canga. (VILLELA, 2003). A partir do século XIX, o ofício dos canteiros passa a se tornar pouco frequente devido, entre outras razões, ao falecimento de muito desses artesãos e a transferência da capital do estado de Minas Gerais para Belo Horizonte.

As obras de restauro dependentes de canteiros passaram a ser realizadas por mão-de-obra externa, contando com profissionais de outros estados ou países. Assim, a preocupação em preservar conhecimentos específicos do ofício na região de Ouro Preto partiu da iniciativa de um pedreiro. Inicialmente, José Raimundo Pereira, *Seu Juca*, observou, sem interesses imediatos, as técnicas empregadas por canteiros portugueses e espanhóis, que fizeram a reforma no Museu da Inconfidência, em 1939. Desde esse primeiro contato, Seu Juca começou a praticar o ofício da cantaria, tendo empreendido várias obras de manutenção e restauração dos inúmeros monumentos da cidade (PEREIRA, LICCARDO e SILVA, 2007).

Contudo, ainda que a restauração se tornasse cada vez mais atrelada ao cotidiano da cidade de Ouro Preto, a comunidade parecia não considerar a dimensão histórica que a cercava e que, portanto, estava presente diante de seus olhos. Segundo Aloísio Magalhães, diretor do IPHAN em 1979, a comunidade é a melhor guardiã de seu patrimônio e

Se você entende a comunidade em seu processo histórico, identifica quais eram os afazeres daquela comunidade, que a levaram a construir aquele monumento, e procura revitalizar, reanimar esses afazeres, que são geradores de riqueza, capazes de resolver até o problema de sobrevivência, torna possível entender o valor do monumento arquitetônico. (MAGALHÃES, 1997, p.190)

Buscamos nas concepções teóricas de Maurice Halbwachs pressupostos que ajudam a refletir sobre o problema em questão, que até o momento temos discutido: a reinvenção do ofício de cantaria em Ouro Preto. Halbwachs, em seu célebre estudo sobre a memória coletiva, nos fala do poder do meio material como guardião de memória (HALBWACHS, 2004, p.137). Percebe, assim, que as sociedades de outrora podem permanecer vivas através dos lugares, hábitos e pessoas. Os segredos do ofício de cantaria estariam, portanto, ocultados nos lugares moldados pelos artesãos do passado. Por outro lado, o filósofo ressalta a relação dos grupos com a memória. A memória é, por excelência, coletiva, compartilhamos com os outros as experiências que fazem parte de nossa história vivida. Dessa forma, no passado, sociedades viveram e construíram uma memória comum, deixando traços nos grupos mais recentes, dos quais os indivíduos, mediante o quadro espacial, podem penetrar nas formas de pensamento e identidade não mais vigentes (HALBWACHS, 2004, p.133).

Como já observado, Ouro Preto não mais possuía artesãos canteiros aparentemente desde fins do século XIX. Por outro lado, vimos a habilidade de lavrar pedras reaparecer na cidade nas mãos de mestre Juca, fazendo-nos imaginar, como outrora os canteiros setecentistas picavam as rochas. Dito isto, pretendemos compreender o processo de reinvenção do ofício de cantaria a partir dos quadros sociais da memória apresentados por Halbwachs, especialmente, considerar o quadro espacial da cidade de Ouro Preto como depositário de memória da técnica da cantaria, o que poderia, dentre outros fatores, ter permitido ao mestre Juca reinventar o ofício, dada sua intensa experiência com os monumentos urbanos preservados desde o século XVIII.

METODOLOGIA

O projeto que começou com a Oficina de Cantaria no ano 2000 integrou à revitalização do patrimônio histórico de Ouro Preto, uma série de outras atividades. Ações junto à comunidade e a Universidade Federal de Ouro Preto que se desdobraram em estudos históricos e mineralógicos, iniciativas ligadas à educação patrimonial e auxílio ao coral Querubins. Cada uma dessas diferentes frentes de pesquisa e educação contou com uma metodologia específica. Contudo, se há algo que de algum modo unifica essas atividades é o compromisso em estabelecer vínculos entre os ouropretanos, os alunos e professores da UFOP e o rico capital cultural e histórico da antiga região mineradora. Procuramos, enfim, compreender que

A responsabilidade social, na dimensão universitária passa pelo fortalecimento da consciência crítica, pela busca do crescimento da compreensão, pela formação de futuros líderes - cidadãos, que respeitem e reconheçam a diversidade e o pluralismo da humanidade, assegurando uma visão universal, a partir de sua realidade (LAZAROTTO, 2004, p. 10).

Como arte da construção, a arquitetura está diretamente ligada às questões do método de edificação, do uso e da natureza dos materiais, assim como da sua própria construtividade no canteiro de obras. As escolhas de práticas e técnicas determinadas são definidoras, em última instância, da proposta formal, espacial e visual. A criação arquitetônica precisa, conseqüentemente, ser entendida além da simples concepção prévia do edifício.

A arquitetura setecentista mineira, de fundamentação clássica, em grande parte mural e decorativa, tem justamente no ornato um fator de expressão fundamental. O material usado para sua fabricação é determinante e os aspectos construtivos, técnicos e estruturais do

período e local são fontes importantes para sua compreensão. Ou seja, as idéias formais emblemáticas e reconhecíveis entre os cânones da arquitetura precisam ser conjugadas a um estudo das técnicas para um entendimento amplo do resultado final.

Apesar de existirem exceções importantes, infelizmente, as questões relativas às técnicas construtivas tendem a ficar em segundo plano nas pesquisas sobre a arquitetura brasileira. Os estudos sobre sua prática e mesmo a historiografia do ensino técnico ainda apresentam muitas lacunas. Essa ausência dificulta o ensino e a formação de novos arquitetos, conservadores-restauradores e demais profissionais de atuação prática na lida com o patrimônio construído.

1) Projeto: Oficina de Cantaria da Universidade Federal de Ouro Preto:

A Oficina de Cantaria da Universidade Federal de Ouro Preto realiza trabalhos de educação patrimonial e resgate das técnicas de produção de obras com pedras locais sob a direção do Prof. Dr. Carlos Alberto Pereira e parceria com diversas instituições. As atividades abrangem desde instrução prática das crianças da comunidade local quanto à formação continuada de profissionais da educação, difusão dos conhecimentos sobre as técnicas da cantaria através da publicação de livros e artigos em um trabalho multidisciplinar que envolve especialistas de diversas áreas como história, arquitetura e engenharia.

No galpão anteriormente utilizado como garagem da Universidade, os cerca de 30 alunos, acompanhados de professores e monitores recebem informações sobre a arte da cantaria com atividades práticas e contato direto com as ferramentas e utensílios próprios da oficina. Depois de explicações e exemplos, os jovens têm oportunidade de se aventurarem em experiências de talhe e desbaste das pedras típicas da região. Nos dois primeiros anos os encontros foram marcados pela especial oportunidade de aprender pessoalmente com o saudoso Mestre Juca, chefe da oficina, canteiro ouropretano e notável mestre de ofício que faleceu em 2006.

Em 2007, os alunos vivenciaram as dificuldades de se trabalhar a pedra, compreendendo na prática quais tipos pétreos mais recorrentes nos diversos elementos que compõem o partido decorativo das fachadas das igrejas setecentistas. Através desse exercício prático, eles observaram porque o xisto, uma pedra mais resistente, era geralmente utilizado em elementos mais geométricos, representativos dos partidos arquitetônicos e a pedra sabão, mais macia, em elementos decorativos mais elaborados, com maior requinte de detalhes, tais como cartelas, medalhões, florões, etc.



Figura 1 – Chafariz em cantaria de quartzito elaborado na Oficina de Cantaria da UFOP. Este é o típico estilo barroco predominante em Ouro Preto ao longo do século XVIII. A prospecção e escolha da rocha, assim como o trabalho de entalhe foram realizados pessoalmente por Mestre Juca, criador da Oficina de Cantaria. Foto: Antonio Liccardo.

Um dos eixos para a tomada de decisão em qualquer projeto de conservação e restauro é o entendimento da técnica construtiva do bem analisado. Assim, os alunos do curso de Conservação-Restauração de Bens Móveis devem compreender os aspectos ligados aos materiais e às técnicas tanto de Bens Móveis quanto dos Bens Integrados que compõem seu campo de atuação. Entender a técnica da cantaria através da vivência oferecida pela Escola de Cantaria faz parte deste processo.

Dessa forma, ao longo do curso os alunos têm uma palestra com o Prof. Carlos Alberto Pereira (UFOP) para compreender as obras do patrimônio setecentistas mineiras executadas em pedra, discute os aspectos práticos da talha em pedra com Sr. Francisco Bárbara de Oliveira, apelidado de Chico e visitaram os trabalhos de restauração das Pontes da Estrada Real entre Ouro Preto e Ouro Branco.

Apesar de ser um trabalho mais da área da engenharia e da arquitetura, os alunos observaram as etapas realizadas e trasladaram os conhecimentos adquiridos para sua área específica, ressaltando a relevância de trabalhos interdisciplinares ao tratar o patrimônio.

2) Projeto “Cultura, Educação e Arte para crianças”:

Criado e desenvolvido pelo Departamento de Engenharia de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto, desde 2002, este projeto visa o apoio aos alunos de diversas escolas do município, tanto públicas quanto privadas, com o objetivo de auxiliar o desenvolvimento intelectual dessas crianças, e a conscientização do patrimônio cultural da cidade, bem como agregar sempre que possível o aprendizado da arte da Cantaria, relacionando-a com, por exemplo, a história do desenvolvimento do espaço urbano do local.

A metodologia que tem guiado as práticas do projeto é a da Educação Patrimonial. Através de uma concepção mais alargada de Patrimônio Histórico, essa metodologia, inicialmente destinada ao trabalho educacional nos museus e monumentos encontra seu espaço no cotidiano do projeto. Entendida como um processo educativo que decorre da evidência material, a Educação Patrimonial permite proporcionar uma experiência concreta da História e da identificação dos envolvidos como agentes no processo histórico.

Uma vez que as crianças são o alvo, considera-se que o diálogo através da cantaria, enquanto Patrimônio, uma maneira eficaz de produzir um novo olhar sobre a realidade e a transformação de si mesmo, pois “o desejo da criança, como o de todos os indivíduos, é dialético. Ao mesmo tempo em que ela procura a *verdade*, procura também o *maravilhoso*” (HORTA, 2008, p.16). Ao assumir o espaço do maravilhoso, a cantaria pode levar à construção de verdades acerca do passado e um conhecimento do mundo ao redor de forma mais imediata, já que “os monumentos e objetos do patrimônio cultural possibilitam às crianças, do mesmo modo que aos adultos, uma experiência concreta, não-verbal (e, por isso, acessível a todos), que lhes permite evocar e explicar o passado de que são herdeiros”. (HORTA, 2008, p.16) Desde 2002, o projeto recebe semestralmente cerca de 30 crianças da 5º ano do ensino fundamental de escolas públicas e privadas de Ouro Preto.

Coordenado pelo Professor Doutor Carlos Alberto Pereira, do Departamento de Engenharia de Minas (DEMIN) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), este conta com uma equipe de trabalho a qual envolve discentes e docentes de diversos cursos da instituição como, por exemplo, Engenharias, História, Biologia, entre outros.

As atividades desenvolvidas no projeto baseiam no princípio de que “a universidade deve buscar sempre soluções para os distintos problemas científicos, educativos e culturais relacionados com a sociedade em geral” (UNESCO, 1995, p. 39) e na necessidade de complementar a formação dos discentes, a fim de formar cidadãos com consciência ética e

preocupação social (GASSET, 1999, p. 23). Seguindo essas perspectivas, as etapas do projeto são divididas da seguinte forma: planejamento, execução e avaliação dos trabalhos realizados.

São ministradas aulas de matemática, inglês, história, cantaria, mineralogia, geologia, português, biologia, dentre outras atividades. As crianças aprendem conceitos básicos dessas ciências, desde a criação do planeta até identificação de rochas e minerais, dando ênfase aos estudos das características como dureza, porosidade, clivagem e textura das rochas quartzito e esteatito (pedra-sabão), utilizadas na grande maioria dos monumentos em cantaria de Ouro Preto. Já as aulas de Cantaria foram elaboradas com o intuito de resgatar o ofício de canteiro (em extinção) e despertar nas crianças a importância de preservar o patrimônio ouropretano. A história, as técnicas, os canteiros, as construções locais de cantaria são ensinadas durante todo o curso. Durante a parte prática das aulas, realizadas na oficina situada no Campus da UFOP, as crianças conheceram os instrumentos do ofício e são instruídas a produzirem suas próprias peças. Supervisionadas pelo já citado Francisco Bárbara de Oliveira, aprendiz do “Seu Juca” e atualmente mestre canteiro do Projeto, conhecem todo o processo que envolve as etapas deste ofício. As aulas na oficina acontecem paralelamente às aulas ministradas pelos graduandos. Desse modo, as crianças, ao mesmo tempo em que iam descobrindo toda a história e as técnicas da cantaria estiveram em contato com a execução do ofício.

A visita ao centro histórico conta com um passeio pelas ruas setecentistas e visita ao Museu de Mineralogia da Escola de Minas (UFOP) localizado na Praça Tiradentes. A visita tem objetivo de além de despertar o interesse das crianças pela história da cidade, ainda mostrá-los outro olhar sobre Ouro Preto, com enfoque na cantaria que muitas vezes passava despercebida. Após um semestre, os “padrinhos” fazem um relatório final sobre cada uma das crianças da qual foi responsável. Neste relatório, que depois será endereçado aos professores das escolas, consta além das observações sobre o comportamento e necessidade de cada criança, e ainda quais as atividades obtiveram resultados mais satisfatórios.

No fim do semestre é entregue, na presença dos pais e professores, os certificados de conclusão do curso às crianças participantes. Nesse dia são expostos os trabalhos realizados pelas crianças, e discentes e pais têm a oportunidade de discutir os resultados obtidos promovendo um diálogo extremamente importante aos próximos passos do projeto. O projeto encerra-se com uma reunião final da equipe participante para uma avaliação dos trabalhos realizados, discussão dos resultados e apresentação de novos integrantes que demonstram interesse em participar do projeto. Há também a elaboração de novas idéias e estratégias para o aperfeiçoamento do projeto no semestre seguinte.

3) Projeto: Bibliotecas Comunitárias: Bairros Morro São Sebastião, Saramenha de Cima e Santa Cruz:

O projeto *Oficina de ciência e cidadania*, do Departamento de Minas da UFOP, implantou ao longo de sua existência três bibliotecas comunitárias, em diferentes localidades de Ouro Preto: Morro São Sebastião (em 2001); Santa Cruz e Saramenha de Cima (ambas em 2006). O projeto tem como proposta tornar a biblioteca comunitária um lugar de aprendizagem, de estudo, de acesso à leitura e mais do que tudo isso, um ambiente para uma nova socialização.

A identificação e a absorção das necessidades locais como objetos de pesquisa para professores e estudantes das universidades públicas fomentam o estabelecimento de uma relação de trocas de experiências e aprendizados. Por isso, a criação das bibliotecas surgiu da parceria entre o Departamento de Minas/UFOP, a Associação de Moradores, Prefeitura Municipal de Ouro Preto e a Escola Municipal Renné Gianetti.

A universidade pública está assentada no tripé ensino, pesquisa e extensão. Isso significa que os novos conhecimentos difundidos por meio do ensino não podem ficar restritos ao seu público imediato (estudantes aprovados em vestibulares), devem ser socializados e disponibilizados para os membros das comunidades da sua área de atuação. Inclusive, é importante que as demandas da sociedade sejam absorvidas como norteadores significativos para parte da pesquisa desenvolvida nessas instituições.

Na biblioteca comunitária, os atos de ler, escrever e pesquisar são entendidos como práticas culturais que precisam ser constantemente estimuladas tanto no ambiente escolar quanto fora dele. A melhoria nos níveis de leitura e escrita na Educação Básica exige aprimoramento nas condições e nas situações ofertadas aos alunos para uma apropriação dessas práticas culturais. Por isso, a biblioteca buscou oferecer um ambiente agradável para as crianças desenvolverem suas atividades escolares, já que muitas não possuíam espaço, privacidade e assistência em suas casas.

Em 2008, o projeto foi aprovado em dois programas do Ministério da Cultura de notável importância dentro do contexto da extensão universitária: um no Proext Cultura-2008 e outro no concurso de Pontos de Leitura 2008 – Machado de Assis. O primeiro possibilitou a aquisição de 265 livros e três computadores. O segundo projeto fornecerá 500 livros e móveis, além de inserir a biblioteca em uma rede nacional de 516 Pontos de Leitura, o que aumenta a responsabilidade da equipe. Ao longo da trajetória do projeto, foram aprovados nove artigos além da divulgação em variados eventos internos e externos. Em 2010, o projeto foi novamente

aprovado no programa Proext Cultura-2009, o que proporcionou a compra de novas matérias e livros além do planejamento de novas estruturas e atividades.

As bibliotecas comunitárias extrapolam o senso comum de que bibliotecas servem apenas como guardiãs de livros. Na verdade, elas funcionam com ponto de convergência social e de apoio e promoção às atividades de caráter didático-pedagógico e cultural. Isso resulta em desafios na gestão do espaço e na montagem de uma programação criativa, que atenda parte das expectativas e mantenha a mobilização da população.

4) Projeto: Coral Querubins do Horizonte:

O projeto surgiu em 15 de novembro de 1997, no bairro Novo Horizonte, periferia de Ouro Preto. Tem como seu maior idealizador o maestro Adeuzi Batista Filho, regente voluntário do grupo desde sua origem. O objetivo central do projeto é criar oportunidade de acesso à cultura para uma comunidade carente, em que a música é apresentada aos jovens como uma possibilidade de inclusão e transformação social. Os ensaios do coral ocorrem duas vezes por semana em uma garagem cedida por uma moradora, e beneficia trinta jovens de 7 a 20 anos.

No projeto, a música é utilizada como um fator de inclusão social, através dela há uma ampliação do universo social dos envolvidos. Ele proporciona o sentimento de pertencimento, uma vez que estabelece contato com o corpo universitário da cidade e com outros moradores da região através de apresentações que o coral faz em distintos locais. A extensão universitária encontra em um município como o de Ouro Preto, caracterizada por profundas desigualdades sociais, um importante lugar para sua atuação. Projetos de extensão são possibilidades que as instituições de ensino superior têm de amenizar o abismo de oportunidades existente entre corpo universitário e indivíduos da comunidade local. Ela promove a integração entre pessoas de distintas condições sociais, bem como estimula o sentimento, entre extensionistas e comunidade, de pertencimento a um grupo ou localidade.

A condição necessária para compor o grupo é estar freqüentando regularmente a escola. O repertório ensaiado engloba músicas da cultura popular e erudita, selecionadas pelo regente de acordo com a preferência do coro. O papel da Universidade Federal de Ouro Preto no projeto se resume em divulgar, desenvolver pesquisas sobre o assunto e buscar recursos e informações em editais de instituições financiadoras. A parceria entre Coral e Universidade também é uma eficiente forma de valorizar e reconhecer a importância do trabalho realizado pelo regente Adeuzi e pelos integrantes do coral, motivando-os a continuar mesmo com os muitos obstáculos encontrados.

O Coral Querubins do Horizonte não possui um espaço específico para realização de suas atividades. Os ensaios ocorrem graças ao grande esforço e persistência do regente Adeuzi Batista Filho, que a doze anos ensaia o grupo duas vezes por semana em uma garagem cedida por uma moradora do bairro Novo Horizonte. Pela escassez de oportunidades culturais no bairro, nenhuma filtragem é realizada para a formação do coro.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

1) Projeto: Oficina de Cantaria da Universidade Federal de Ouro Preto:

Restauração da Ponte de Antônio Dias:

A ponte de Antônio Dias, também conhecida como ponte de Marília ou Ponte dos Suspiros, é um dos mais líricos monumentos civis da histórica ouropretanana por ter sido, segundo a tradição, testemunha do famoso romance entre o ouvidor da capitania e inconfidente, Tomás Antônio Gonzaga, e Maria Dorotéia de Seixas, cujos pseudônimos eram respectivamente Dirceu e Marília. Foi construída de alvenaria de pedra e cal, com boas juntas, possuindo dois arcos de pedra de cantaria do Itacolomi, rocha rígida, toda ela lavrada a picão miúdo, medindo cerca de 5m de vão e 7,4m de altura, do leito do rio até o fecho do arco. Os principais objetivos desta restauração foram: recuperar a drenagem e os passeios, limpeza da cantaria, remoção da vegetação e alinhamento do parapeito. Segundo o engenheiro civil Júlio de Grammont, que fiscalizou a obra, esta restauração caracterizou-se como emergencial. O revestimento dos paredões da ponte apresentava-se deteriorado ou em estado de deterioração, estando parcialmente coberto por vegetação, o que causa infiltrações laterais danificando o próprio revestimento e a argamassa de assentamento dos blocos de pedra.

Estrada Real – projeto pontes:

Foi realizado pela Fundação Educativa de Ouro Preto (FEOP), em parceria com o Banco Real e com o apoio do IEF, DER-MG e Prefeitura Municipal de Ouro Preto. Destacaram-se alunos formados da *Oficina de Cantaria* da UFOP, juntamente com engenheiros, arquitetos e estagiários, que fizeram parte da equipe de restauração do Projeto Pontes – Estrada Real, iniciado em 2007 a partir da necessidade de recomposição de quatro pontes ao longo do trecho Ouro Preto/Ouro Branco, sendo estas: Ponte do Falcão; Ponte da Caveira; Ponte do Calixto e Ponte da Rancharia. A Estrada Real possui 1.605 km de extensão e abrange 179 municípios, sendo 164 em Minas, oito no Rio de Janeiro e sete em São Paulo. A reforma das estruturas ao

longo do trecho Ouro Preto/Ouro Branco, que possui cerca de 32 km de extensão, se deu ao fato do risco de desabamento pelo constante tráfego de veículos nessas pontes históricas, construídas no século XIX e feitas principalmente através da arte da cantaria.



Figura 3- a) Ponte da Rancharia; b) Ponte da Caveira; c) Ponte do Calixto; d) Ponte do Falcão.

Historiadores que faziam parte da equipe cuidaram do levantamento histórico sobre técnicas e materiais que constituíam as pontes, para que toda a intervenção realizada não prejudicasse o valor histórico dos monumentos, assim como da região de Ouro Preto. Toda a restauração partia da análise de fatos históricos das pontes para que o impacto fosse o menor possível, ou seja, a restauração deveria ser feita de modo minucioso e conservador, de acordo com a geometria das pontes. As rochas eram trazidas de uma serra nas proximidades do distrito de Lavras Novas e eram escolhidas de acordo com o tamanho e aparência, que se aproximava do especificado. Após o transporte das rochas até as pontes, iniciaram-se os processos de restauração. Os artesões canteiros talhavam os blocos de acordo com os defeitos que as

pontes apresentavam e os colocavam na ponte, de acordo com a necessidade e o grau de defeitos que a mesma possuía. E, desse modo, a restauração da ponte era realizada.

2) Projeto “Cultura, Educação e Arte para crianças”:

O resultado considerado mais satisfatório com as crianças é a promoção de uma releitura do universo histórico da cidade de Ouro Preto e, assim, a noção da importância do ambiente em que estão envolvidas. Essa nova visão possibilita a criação de perspectivas, ou seja, um olhar para o futuro que repense o passado e encontre nele novos caminhos como a inserção em uma Universidade como a UFOP, da qual antes talvez não aspirassem ingressar.

No que diz respeito às crianças, os resultados foram bastante satisfatórios, além de um melhoramento no desempenho escolar, estas reaprenderam a valorizar o patrimônio de sua cidade, bem como se tornaram indivíduos multiplicadores quando o assunto é preservação de seus monumentos. Além disso, através da oficina de Cantaria, estas desenvolveram habilidades na arte de canteiros. Sobretudo houve entre estas o aprendizado de trabalho em equipes, integradas muitas vezes por crianças de realidades sociais diferentes. Exemplos de tais considerações são as relações estabelecidas no envolvimento com atividades diversas como a construção de um presépio, no fim do de 2009, que trouxe para dentro do espaço físico da Universidade um produto construído pelas crianças e monitores do projeto. Igualmente, as visitas aos bens imóveis tombados como patrimônio histórico de Ouro Preto e ao Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas trouxeram resultados positivos, pois após apreender a importância de tais bens nas aulas, os alunos visualizaram a partir de um novo olhar um patrimônio que lhes parecia comum anteriormente.

Pais e professores também participam ativamente das etapas de elaboração e efetivação do projeto, como já citado. Através de avaliações, eles também têm a oportunidade de conhecer o espaço da universidade e considerar os pontos que precisam ser reconsiderados para melhoria do projeto. Nas avaliações dos discentes envolvidos quanto a cada criança “apadrinhada”, apontamentos sobre comportamento e dificuldades de aprendizagem são identificados e repassados para pais e professores.

Entretanto, as crianças envolvidas no projeto não são as únicas beneficiadas. Os discentes e docentes também são alvo das contribuições, pois passam a possuir uma bagagem teórico-metodológica que lhes permitirá seguir construindo um novo olhar. Uma nova perspectiva que, como disse na sua avaliação do Projeto Regional de Educação Patrimonial da

Quarta Colônia, vencedor do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, a professora Neida Zani, permita

Valorizar o passado como foi, analisar o presente alimentando o sonho de uma realidade para o futuro, onde cada aluno será o cidadão brasileiro que poderá, com sua inteligência e capacidade, transformar o seu meio, deixando-o mais saudável e as pessoas mais felizes (ITAQUI e VILLAGRÁN, 1998, p.2).

O caráter interdisciplinar do projeto concede uma oportunidade bastante peculiar. Alunos de Engenharia, História, Biologia, entre outros, entram em contato com as diversas vertentes científicas da universidade, trabalhando em equipe, dividindo experiências e conhecimento. Além desse encontro, os alunos são inseridos na comunidade de tal forma a maravilhá-los pelo fascínio de uma cidade histórica como Ouro Preto, bem como apresentando a realidade do município e de alguns moradores, fazendo com que o discente se torne um profissional atento às questões de cunho social.



Figura 4 – a) Visita ao Museu da Escola de Minas – OP-MG, b) Visita ao Museu da Inconfidência Mineira – OP-MG; c) Crianças aprendem o ofício da Cantaria com o Mestre Chico; d) Aulas de português em sala de aula no Departamento de Engenharia de Minas – UFOP

Os discentes participantes entraram em contato com a realidade social do município, bem como aprenderam na prática a postura de um professor em sala de aula, complementaram a educação tanto das crianças quanto a sua, pois foram forçados a desenvolver suas competências enquanto educador ao enfrentarem todos os desafios que lhes são impostos por seus diferentes alunos com realidades sociais por vezes opostas. A preocupação com a linguagem a ser usada em aula, bem como a preocupação de atingir todos os alunos e despertar nestes o interesse tanto pela arte da Cantaria quanto pelas próprias matérias com as quais estão em contato na escola, fez com que o discente trabalhasse sua capacidade de comunicação, liderança e dinamismo diferenciando-os dos demais discentes da universidade e até mesmo em uma projeção futura a formação de um profissional voltado para as questões sociais.

3) Projeto: Bibliotecas Comunitárias: Bairros Saramenha e Morro São Sebastião:

Entendemos as bibliotecas comunitárias, instaladas nos bairros de Saramenha de Cima, Morro São Sebastião e Santa Cruz – em Ouro Preto –, como um espaço para uma nova socialização, com a finalidade de mudar a condição educacional e cultural dos frequentadores. A experiência dessas bibliotecas sugere que as bibliotecas comunitárias podem servir para ampliar e dinamizar as oportunidades de leitura e estudo em localidades afastadas ou desprovidas de serviços públicos do gênero. Tais espaços mostram-se ideais para o estímulo à leitura despretensiosa, convivência social e aprendizado, além de servir como ponto de referência cultural para os membros da comunidade.



Figura 5 - As bibliotecas comunitárias de Saramenha de Cima e do Morro São Sebastião promoveram, durante o mês de julho, 2011, atividades educativas e recreativas para crianças das duas localidades. Fonte: Comunicação Ouro Preto

O destaque ficou para os resultados obtidos com as crianças no aprimoramento da leitura, escrita e interpretação de texto, proporcionado pela oficina de leitura e pelas explicações individuais. Muitas crianças relataram que melhoraram seus desempenhos nas disciplinas escolares. O mais fascinante no trabalho com crianças e jovens é o efeito multiplicador desencadeado entre seus colegas e familiares. Existem relatos de pais que liam os livros tomados de empréstimos pelos filhos, e que passaram à condição de frequentadores das bibliotecas. Isso contribuiu para outro importante resultado das bibliotecas comunitárias de Saramenha de Cima e Morro São Sebastião, que foi o maior estímulo e prazer pela leitura entre os moradores atendidos.

4) Projeto: Coral Querubins do Novo Horizonte:

Nos seus quatorze anos de existência, o Coral Querubins do Horizonte tem alcançado resultados satisfatórios, mesmo frente às dificuldades financeiras. Trinta jovens moradores da comunidade Novo Horizonte são beneficiados pelo projeto. E, segundo relato de pais e professores, verificaram-se mudanças positivas nos mesmos, como melhor convivência em grupo, o senso de responsabilidade e o compromisso. Constata-se também que o projeto estimula o interesse por eventos culturais que ocorrem em Ouro Preto, o que proporciona a inclusão dos membros do coro e dos demais moradores do bairro a um grupo social mais amplo.



Figura 6 - Apresentação do Coral Querubins do Horizonte (2003). Fonte: Oficina de Cantaria

O Coral recebe com frequência convites para apresentações em eventos que ocorrem na Universidade, em festas da comunidade e em outros acontecimentos culturais, o que gera uma divulgação e reconhecimento do trabalho realizado pelo grupo. O grupo já se apresentou em várias cidades de Minas Gerais como Mariana, Conselheiro Lafaiete, Itaúna e Belo Horizonte, onde participou do V Festival de Corais em 2007.

Para a comunidade acadêmica envolvida no projeto, os benefícios são decisivos, pois aproxima os estudantes e professores da população. Além disso, cria oportunidade de desenvolvimento de pesquisas, que auxiliam na execução e melhoria do projeto.

CONCLUSÃO

Neste texto, em que se discutiu a influência do poder material como guardião de memória por meio das diversas ações promovidas pelo Projeto Cantaria, constatou-se, entre outras possibilidades de leitura, que iniciativas firmadas no compromisso de promover um diálogo mais direto entre a comunidade e universidade a partir de elementos próprios de uma localidade – no caso das antigas vilas mineiras, aspectos específicos de sua história – trazem resultados duradouros e benéficos para todas as partes envolvidas, ainda que muitos desafios existam no caminho. Dito isso, vale mais uma vez afirmar a importância de inserir monumentos históricos e culturais na vida da comunidade, porque

No caso de monumentos de pedra e cal não faz sentido restaurá-los para que voltem a ser abandonados. É preciso reinserir esse bem na vida da comunidade. É necessário que ele volte a ser importante, volte a ser usado diária, cotidiana e fortemente pela comunidade. (MAGALHÃES, 1997, p.189).

Concluimos celebrando a história do projeto e lembrando que para comemorar esses 10 anos frutíferos de um empreendimento tão abrangente em ações que interagem diretamente com a população de Ouro Preto e os alunos da UFOP, foi realizado o *Seminário 10 anos de Cantaria*. O evento que ocorreu de 13 a 17 de novembro de 2010 contou com a participação de integrantes atuais e ex-alunos do projeto, alunos do projeto “Cultura, educação e arte”, moradores dos arredores das bibliotecas comunitárias e membros da comunidade em geral. No dia 13, pela manhã, o professor Marcos Tognon, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), acompanhou conferindo explicações técnicas a restauração do chafariz em frente à casa do Senhor Silvio Elias, no bairro Cabeças. A restauração constou de colocação de uma cruz de quartzito, restauração da carranca e remoção do cimento do bojo do chafariz.

Na parte da tarde, palestras discutiram os principais resultados do Projeto Cantaria no decorrer desses 10 anos. Entre os palestrantes estava o prefeito de Ouro Preto Ângelo Oswald, que falou sobre a cantaria e sua importância para a cidade. Os temas que seguiram a essa fala versaram sobre os estudos acadêmicos desenvolvidos por participantes do projeto – história e técnicas de construções setecentistas -, sobre os projetos relacionados à Educação Patrimonial e sobre a implantação das bibliotecas comunitárias.

A esse momento se seguiu um instante emocionante de homenagens ao Mestre Juca (in memoriam) e ao atual canteiro que lidera as ações empreendidas na Oficina de Cantaria, Francisco Bárbara de Oliveira. Foram homenageados, igualmente, os parceiros que acreditam no projeto: a Fundação Gorceix, a Novélis, e as Equipes de Transporte e Comunicação da UFOP. Por fim, o professor Carlos Alberto Pereira, fundador e principal responsável por todos os sucessos alcançados, foi também lembrado e homenageado. Para encerrar as atividades, no dia 14, foi realizado um passeio por Ouro Preto enfatizando os detalhes da técnica construtiva da cantaria.

AGRADECIMENTO

Agradecemos às seguintes instituições que foram importantes para a construção e manutenção do projeto ao longo de sua trajetória: Ministério da Cultura, Ministério da Educação, Governo Federal, Petrobrás, Fundação de Apoio a Universidade de São João Del Rei, Fundação Gorceix, Novelis, Prefeitura Municipal de Ouro Preto, Universidade Federal de Ouro Preto e Instituto Federal de Minas Gerais – campus Ouro Preto.

BIBLIOGRAFIA

BASTOS, Rodrigo. *A maravilhosa fábrica de virtudes: o decoro na arquitetura religiosa de Vila Rica, Minas Gerais (1711-1822)*. São Paulo: FAUUSP, 2009. (Tese de doutorado).

CARVALHO, Clarissa P. Silveira; GLOSS, Crislayne; PEREIRA, Fabrício Luiz; SILVA, Priscila Coelho; NUNES, Célia M. Fernandes; PEREIRA, Carlos Alberto. *O patrimônio para além das evidências materiais: educação e extensão universitária*. In: IV Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2009, Dourados. IV Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2009. v. 1. p. 432-444.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural*. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.) *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GASSET, José O. *Missão da Universidade*. Rio de Janeiro. Ed. UERJ, 1999.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. *Educação Patrimonial*. In: BARRETO, Euder et. al. *Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial: artigos e resultados*. Goiânia, 2008.

ITAQUI, José; VILLAGRÁN, Maria Angélica. *Educação Patrimonial : a experiência da quarta colônia*. Santa Maria: Pallotti, 1998.

MAGALHÃES, Aloísio. *E triunfo?* 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. *Reflexão e contribuições para a Educação patrimonial*. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002. (Lições de Minas, 23).

PEREIRA, Carlos Alberto, LICCARDO, Antonio e SILVA, Fabiano Gomes. *A Arte da Cantaria*. Belo Horizonte - MG: Editora C/ Arte, 2007.

PEREIRA, Fabrício Luiz; NOVAES, Éder Liz; PRADO, Amanda Costa; SILVA, Fabiano Gomes da; PEREIRA, Carlos Alberto. *Oficina de Cantaria: Reinvenção na conservação patrimonial*. In: IV Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2009, Dourados. IV Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2009. v. 1. p. 221-231.

VILLELA, Clarice Martins. *Critérios para seleção de rochas na restauração da cantaria*. Ouro Preto - MG, Dissertação (Mestrado em Engenharia de Materiais da UFOP), Escola de Minas/UFOP, 2003.